



## **A OBJETIFICAÇÃO DE CORPOS NEGROS FEMININOS NO BRASIL E OS IMPACTOS NA SAÚDE MENTAL**

GABRIELLY VICTORIA BOTELHO E SILVA<sup>1</sup>  
DIEGO ANIZIO DA SILVA<sup>2</sup>

**RESUMO:** O presente trabalho visa abordar os impactos causados na saúde mental de mulheres negras, vítimas da objetificação de seus corpos, algo implantado na cultura devido ao patriarcado e racismo no país, e que acontece até o período contemporâneo. Várias situações influenciam de forma direta e indireta para que isso continue acontecendo e se perpetuando nas gerações de forma velada, os meios midiáticos influenciam com grande índice de participação para que esse tipo de violência com mulheres negras ainda exista. O objetivo do presente trabalho é entender como essa violência de gênero afeta suas vidas no cotidiano, e como tais arquétipos podem contribuir para sofrimento mental que leva para a procura de atendimento psicoterapêutico na clínica afim de amenizar os possíveis danos causados por esse tipo de violência. Para tanto, analisar a literatura por intermédio de pesquisa bibliográfica para maior abrangência faz-se necessário no presente trabalho. Discute também uma linha e apresentação histórica associada ao racismo e o período de escravidão no Brasil, momento esse considerado imprescindível para compreensão do tema desse trabalho, pois, como dito antes, essa violência é herança do período patriarcal e racista que a sociedade viveu e que se prolonga até os dias atuais.

**PALAVRAS-CHAVE:** Mulheres; Objetificação; Racismo.

## **THE OBJECTIFICATION OF BLACK BODIES FEMALES IN BRAZIL AND THE IMPACTS ON MENTAL HEALTH**

**ABSTRACT:** The present work aims to address the impacts caused on the mental health of black women, victims of the objectification of their bodies, something implanted in the culture due to patriarchy and racism in the country, and which happens until the contemporary period. Several situations influence directly and indirectly so that this continues to happen and perpetuate itself in generations in a veiled way, the media influence with a large participation rate so that this type of violence against black women still exists. The objective of the present work is to understand how this gender violence affects their daily lives, and how such archetypes can contribute to the mental suffering that leads to the search for psychotherapeutic care in the clinic in order to alleviate the possible damage caused by this type of violence. Therefore, analyzing the literature through bibliographical research for greater coverage is necessary in this work. It also discusses a line and historical presentation associated with racism and the period of slavery in Brazil, a moment considered essential for understanding the theme of this work, because, as said before, this violence is a legacy of the patriarchal and racist period that society lived and that extends to the present day.

**KEYWORDS:** Objectification, racism, women.

<sup>1</sup> Acadêmica de Graduação. Curso de Psicologia. Faculdade Fasipe Cuiabá. Endereço eletrônico: gabriellybotelho2012@hotmail.com.

<sup>2</sup> Professor Especialista em Psicologia. Curso de Psicologia da Faculdade Fasipe Cuiabá. Endereço eletrônico: diegoaniziosilva@gmail.com.



## 1. INTRODUÇÃO

As mulheres negras carregam as marcas, desvantagens e a desvalorização na própria pele no cotidiano, situações essas consideradas heranças do racismo e sexualização causados pelo patriarcado no Brasil. Desde o período colonial foram vistas e tratadas de forma semelhante ou até igual aos homens negros, sendo expostas ao trabalho bruto e braçal, construindo assim, uma imagem de força para essas mulheres e que, quando comparadas as mulheres brancas em situações do cotidiano, são idealizadas como figuras de força que conseguem suportar de forma diferente a dor, pois, por muito tempo foi falado que essas mulheres já nasceram suportando as piores situações da vida.

Segundo Manzi e Anjos (2021) utilizamos a categoria identitária mulher negra para representar um grupo heterogêneo de mulheres historicamente diferenciadas e subalternizadas com base no sexo e cor da pele. Essas mulheres foram estereotipadas desde o nascimento e associadas a disponibilização afim de suprir desejos e necessidades sexuais dos homens, deixando-as expostas e vulneráveis a essas situações de cunho sexual.

Neusa Santos Souza (2021) afirma que ser negro é ser violado constantemente, de forma persistente e brutal, sem pausa ou descanso, com um duplo comando: ser chamado a encarnar os ideais de corpo e ego do sujeito branco, e a de recusar, negar a existência do corpo negro.

Ao estudar as obras bibliográficas com esse tema, percebe-se que pouco se discute no campo acadêmico e menos ainda em algumas vertentes da Psicologia a temática proposta. Com o propósito de contribuir para a construção e crescimento desse tema no campo acadêmico, é apresentado nesse presente artigo uma análise através de pesquisa bibliográfica de como a sexualização do corpo negro feminino ainda é constante, podendo causar, por sua vez, impactos na saúde mental dessas mulheres que são vítimas de violência racial e de gênero. Para isso buscou-se a compreensão a partir da pesquisa bibliográfica, e através disso, compreender o papel da Psicologia e sua importância para amenizar o sofrimento psicológico dentro do setting clínico de psicoterapia.

Ademais, para aprofundar o conhecimento teórico por meio do levantamento bibliográfico realizado, as plataformas de acesso para melhor compreensão e estudo foram: Scielo e Google Acadêmico, os marcadores utilizados para pesquisa foram as seguintes palavras chave: objetificação, racismo, saúde mental e mulheres, o recorte de tempo para base bibliográfica baseou-se, tendo a pesquisa um forte cunho histórico, nos estudos publicados nos últimos 5 anos, porém, devido à dificuldade de pesquisas publicadas acerca desse tema, realizou-se a exceção de alguns artigos.

Esse trabalho possui o objetivo lançar luz para esse tipo de violência de gênero sofrida pelas vítimas da objetificação do corpo negro feminino e o sofrimento mental enfrentado por elas pois, tal situação contribui para o adoecimento e sofrimento psíquico de quem sofre e enfrenta essa violência. Para isso foi necessário analisar a partir de referências bibliográficas, com base na pesquisa qualitativa, uma linha histórica sobre o período da escravidão e a contribuição negativa que deixou ao decorrer dos tempos para suas vítimas nesse caso, em particular, as mulheres negras.

Partindo do que é observado e obtido através de conhecimento nos artigos científicos, e levando em consideração a violência cometida contra as mulheres negras, a presente pesquisa reúne através de dados analisados no levantamento bibliográfico acerca desse tema, o quanto essas mulheres podem ter a saúde mental fragilizada, e partindo disso busca-se responder ao problema: Quais os impactos da objetificação do corpo negro feminino em uma sociedade estruturalmente racista?



Associado ao problema produzido, o objetivo geral do presente trabalho corresponde a: compreender o sofrimento mental causado nas vítimas pela perspectiva da violência de gênero associada a objetificação de corpos negros femininos no país. E os objetivos específicos são: Identificar através da literatura a violência causada pela objetificação e sexualização; compreender o desdobramento que esse tipo de violência causa nas vítimas e a contribuição da Psicologia no tratamento; propor alternativas para expansão da rede de atendimento clínico e psicológico as vítimas.

## 2. REVISÃO DA LITERATURA

### 2.1 Escravidão

Abordar a sexualização do corpo negro feminino é falar de uma problemática que está enraizada culturalmente pelo patriarcado e preconceito racial associado à época da escravidão em que as pessoas negras eram vistas como objeto para mão de obra escrava e barata, e a mulher negra associada a ser além de escrava para trabalho, também para ser objeto sexual. A escravidão no Brasil é uma problemática histórica e desde os primórdios da colonização do país se fala nesse tema tão importante. Segundo Pinheiro (2002) nesse período no início da colonização do Brasil, no século XVI, os colonos lidaram com os povos indígenas (que foram sujeitos a trabalhos forçados), bem como africanos trazidos para trabalhar nas grandes plantações de cana-de-açúcar.

Segundo Collins (2015), a escravidão foi uma instituição profundamente arraigada no patriarcado, onde baseia-se no duplo princípio de autoridade do homem branco e sua propriedade, uma mistura dos campos políticos e econômicos nas instituições familiares. A heterossexualidade era entendida como força de autoridade, figura de respeito que todos os brancos tinham que assumir o matrimônio, sendo assim, casando-se. O controle sobre a orientação sexual das mulheres brancas foi como um tópico central para a escravidão, por causa da passagem de propriedade para o herdeiro legal dos senhores proprietários de escravos. Assim, garantir a virgindade e castidade dessas mulheres brancas estava intimamente relacionado com a manutenção das relações de posses das propriedades.

A autora Lima (2022), afirma que os negros eram entendidos como objeto e propriedade, sem nenhuma condição humana. A população negra escravizada não tinha, peculiarmente, gênero. Isso significa que as mulheres negras escravizadas trabalhavam no campo tanto como os homens, o trabalho no campo também era de responsabilidade de mulheres que eram enviadas desde a infância, e até gestantes e recém-nascidos não foram excluídos. A violência sexual foi concebida como punição repetida para mulheres negras, além de chicotadas e mutilações e estupro, levando a uma designação como mulher (lida como fêmea) no regime escravocrata.

A capacidade reprodutiva da mulher negra foi associada a perpetuação da linhagem da população escravizada. As mulheres negras que tinham a capacidade biológica de gerar uma prole numerosa eram valiosas. Mas isso não as colocava no ensejo do ideário da maternidade, essas escravas eram vistas como trabalhadoras e não gozavam de uma condição especial (LIMA, 2022)

A vida das mulheres negras tem sido historicamente marcada por múltiplas opressões em todos os estágios, essas mulheres foram introduzidas nas piores condições sociais, tornando assim, invisíveis as condições opressivas que as inseriram. A pobreza é comumente analisada sem considerar o racismo e as relações patriarcais que o constituem, isso faz com que desapareça de vista o esclarecimento sobre racismo e relações patriarcais, para o processo



de reprodução do capitalismo na zona periférica.

O racismo é um conjunto de ideologias, doutrinas e ideias da sociedade que consideram a inferioridade natural de determinados grupos étnicos e atua como motor da desigualdade que produzem precárias condições de vida da população vítima. A discriminação racial é uma manifestação comportamental do preconceito. Os preconceitos manifestados na prática da discriminação racial preservam os privilégios do grupo dominante à custa da violação dos direitos dos indivíduos discriminados (BANUTH E SANTOS, 2016); (OLIVEIRA E KUBIAK, 2019)

Desse modo, Lima (2022), relata que as mulheres negras brasileiras desenvolveram a tese de que a realidade brasileira é moldada pelo colonialismo, racismo, sexismo e pobreza entrelaçados em um sistema opressor que oprime as mulheres, especialmente, as mulheres negras que são culpadas da violência colonial e suas consequências para elas, bem como os estereótipos (imagens de controle) que dificultam e marginalizam as mulheres negras sistematicamente. Nesse sentido, era salutar mudar a base do feminismo no Brasil para entender as diferenças entre as mulheres, ao negar os lugares sistematicamente distintos das mulheres negras, o feminismo brasileiro contribuiu para a alimentação do mito da democracia brasileira e contribuiu para o distanciamento e abismo social entre as mulheres.

## 2.2 Objetificação do Corpo Negro Feminino

De acordo com Heldman (2012), o conceito de objetificação começou na década de 1970, mas não é um fenômeno novo. O conceito de objetificação consiste em analisar alguém a um nível de objeto sem considerar suas características emocionais e psicológicas. Observa-se a objetificação de mulheres em meios midiáticos como propagandas que focam apenas a uma característica sexual ou física da mulher sem qualquer outro apelo emocional.

Outros autores como Bercht e Costa (2018), vão dizer que essa forma de objetificação é ampla e ocorre de diversas formas, desde formas de violência sexual, até outras formas menos perceptíveis e que não são vistas como violentas como, por exemplo, a representação da objetificação da mulher em propagandas e comerciais da mídia em geral.

A objetificação do homem e da mulher negra permaneceu no imaginário social, significando que, embora tenham potencial de transformação social, tal grupo ainda está sujeito à hierarquização racial. Tal fato é demonstrado na sociedade pelas diferenças absurdas entre brancos e negros, por exemplo, nas estruturas de trabalho, nas diferenças salariais e na violência contra essa população, principalmente os reprimindo dos direitos básicos de educação e saúde, e no caso da população feminina negra, violando seus corpos e direitos (RODRIGUES; NUNES, 2012).

Do mesmo modo, Lourenço et. al (2014) afirma que a objetificação do corpo feminino pode tornar o corpo de uma mulher vulnerável a ser desrespeitado por alguém, sem que pareça errado, sendo muito comum a violência sexual física ser realizada pelos homens contra mulheres. Sabe-se que o transporte público do Brasil está sempre lotado, mas é desconhecido que o público feminino é quem mais sofre com isso, em forma de assédio, pois há homens que aproveitam desses momentos para tirarem certa vantagem do corpo feminino que, literalmente se torna um objeto no qual passa a mão e se usa sempre que quiser e der vontade.

Ainda sobre a objetificação do corpo negro feminino, Teixeira e Queiroz (2017) relembram que antigamente as mulheres negras eram representadas na mídia brasileira pela “Globeleza” que era uma personagem vivida por uma mulher negra que ficava nua, tinha nádegas grandes, lábios carnudos, e o corpo atraente, e considerado afluente, e recentemente começou a passar pelo processo de clareamento da pele, ficando assim com um tom de pele



“quase branco”, fazendo associação à negação da identidade negra e com forte herança patriarcal, onde sempre associou o padrão de beleza a “pele branca”.

Nos meios midiáticos ainda se vê poucos programas de televisão, rádio, ou redes sociais em que a apresentadora é uma mulher negra, muito se vê nos bastidores, mas ainda assim, no meio do protagonismo ainda se dá pouca visibilidade para as mulheres negras. No contexto histórico, que nos assombra até hoje, o papel desempenhado por mulheres negras em meios midiáticos: minisséries, filmes etc., acabou sendo o de uma mulher oprimida, incompetente, hiper-sexualizada, distante de tratar e abordar o empoderamento feminino. Assim, reforçando constantemente sobre atitudes racistas e sexistas em nosso cotidiano (MOREIRA et al. 2018) sobretudo se se considera que a televisão molda o comportamento brasileiro.

Ainda de acordo com Clemente (et. al 2020), no Brasil discutir sobre racismo e discriminação racial é difícil e polêmico, por se ter um alto número de miscigenação no país e, por outro lado, pela valorização da chamada “democracia racial”. No entanto, os brancos vivem em melhores condições de vida do que os indígenas e pretos. A afirmação de que no Brasil não tem “raça pura” e sim “caldeirão de cores”, faz com que os negros se classifiquem como pardos, morenos marrons claro e escuros. Isto é, porque a ideologia de cor branca politicamente fragmentou esse grupo, dificultando a organização e a identidade.

### 2.3 Impactos na Saúde Mental

No século XIX, a Psicologia que foi desenvolvida na Europa chegou até o Brasil, sendo trazida pelos psiquiatras com o foco de naturalizar os distúrbios e lesões de acordo com a aparência física, base ainda para algumas práticas atuais. O objetivo na época era excluir aqueles que estavam fora do critério de normalidade, a partir do qual os negros eram uma expressão e o grupo majoritário. Esse foi um dos motivos da grande imigração de europeus para o Brasil e o início da ideologia de branqueamento da população (BENEDITO, FERNANDES, 2020).

Desse modo, verifica-se que na própria base da psicologia há o histórico de negação da condição negra e dos impactos psicológicos sofridos por essa população, justamente por se tratar de uma psicologia europeia, branca, cisgênera e heterossexual, portanto, uma psicologia muito próxima da realidade do colonizador.

Faz-se necessário, a respeito disso, se atentar ao elemento histórico que pode evidenciar e sustentar relações de poder ao carregar consigo teorias e práticas que reforçam tais relações e que se estabelecem partindo de um modelo de família eurocêntrico, com privilégio do homem branco e privilegiando determinadas posições. (SILVA, et al. 2017).

Santos e Dias (2022) ao abordar sobre raça e gênero, afirmam que essas intersecções mostram que as opressões de mulheres negras são mais aprofundadas devido ao gênero afetar o racismo, que as atormenta desde o período colonial, porque seus ancestrais foram escravizados e além da explorados, sofreram abuso e estupro de seus corpos, foram expostas a vários tipos de empregos usando o corpo de forma sexual para satisfazer seus senhores e outros homens. Essas opressões históricas afetam o psicológico e a saúde mental das mulheres negras.

Quando o racismo que ignora, humilha e exclui corpos negros, também nega o direito à alteridade, usa uma estratégia discursiva que reconhece a diferença como desvalorizada e rejeitada. Os estereótipos do corpo negro influenciam isso a espalhar e perpetuar preconceito e discriminação com base na falsa premissa de inferioridade negra e suposta superioridade branca, e esses corpos negligenciados, o potencial humano (negado) de que possuem resulta em sofrimento e desigualdade em todos os aspectos (SILVA, 2021).



A saúde mental é resultado de múltiplas e complexas relações entre fatores biológicos, psicológicos e sociais que dependem do equilíbrio dinâmico das interações do indivíduo com outras pessoas, tendo em conta as suas características orgânicas e os seus antecedentes pessoais e familiares. Nesse sentido, a exposição aos eventos de uma vida traumática e estressante, como em um ambiente familiar instável, experiências de violência sexual, discriminação e exclusão social (individual ou sistematicamente), é considerado um fator significativo nas alterações emocionais negativas na saúde mental dos sujeitos e em suas vidas em geral (MARTINS et. al. 2018).

Pouco se fala sobre racismo no meio acadêmico da psicologia, mas, ao mesmo tempo, pouquíssimos escritores negros são estudados na graduação. A mulher negra deve ser vista em sua totalidade, com uma aflição única repetida ao longo dos anos, tratada em sua integralidade. Porém, para isso o racismo deve ser discutido com mais ênfase nos meios midiáticos e na graduação, a fim de proporcionar discussões saudáveis para o conhecimento e avanço do olhar da Psicologia para essas vítimas da violência racial e de gênero. Portanto, refletir sobre a atuação dos profissionais da Psicologia diante desse tema, exige questionar a forma como vem sendo discutido e tratado sobre os problemas raciais e o sofrimento que eles causam. Esta reflexão respalda a questão norteadora dessa pesquisa e leva a investigar as práticas da Psicologia (BENEDITO; FERNANDES, 2020).

### 3. MATERIAIS E MÉTODOS

Para entender as múltiplas formas de violência associadas a objetificação dos corpos de mulheres negras que acontece cotidianamente na sociedade brasileira, e a fim de obter informações e conhecimento sobre esse tema importante e necessário, foram realizadas pesquisas de levantamento bibliográfico, utilizando a abordagem qualitativa.

De acordo com Minayo (2014), o método qualitativo é aplicado ao estudo da história, das relações humanas, das representações, crenças, observações e opiniões, produtos das interpretações das pessoas sobre como vivem, como constroem objetos, como constroem a sobre si mesmas, como sentem e pensam. Segundo os autores Casarin e Casarin (2012), independentemente do nome e do assunto pesquisado, os objetivos da pesquisa qualitativa são descrever um fenômeno, caracterizar sua ocorrência e relacioná-lo com outros fatores. O autor Soares (2020), afirma que a pesquisa qualitativa procede desde a descoberta até a compreensão de fatos em um contexto cultural, interpretando esses fatos encontrados, quantificando informações por extrapolação por indução e argumentação, e deixando os pontos de vista do pesquisador.

Ademais, Martins (2004) aborda que metodologia qualitativa, mais do que qualquer outra metodologia de pesquisa, é o que mais levanta questões éticas principalmente pela proximidade do pesquisador e do pesquisado. Dessa maneira, o presente trabalho utilizou da abordagem qualitativa para a pesquisa, devido aos aspectos e questões subjetivas relacionados ao tema abordado. Dessa forma Minayo (2014) aponta que a metodologia engloba os conceitos teóricos de abordagem, um conjunto de técnicas capazes de construir a realidade e o potencial criativo de quem está investigando. O método vai articular a teoria e prática, mas a subjetividade e olhar único de quem está investigando que vai diferenciar o assunto tratado.

Os dados analisados através da revisão bibliográfica possibilitaram abrangência sobre o assunto apresentado no presente artigo, segundo Sousa et al. (2021) a pesquisa científica começa com a pesquisa bibliográfica, onde o pesquisador busca trabalhos já publicados que sejam importantes para conhecer e analisar o problema da pesquisa que está sendo realizada.



Isso possibilita ajuda desde o início, pois é feito com o objetivo de identificar se já existe um trabalho científico sobre o tema da pesquisa a ser feita, contribuindo na escolha do problema e do método adequado, tudo isso é possível com base em trabalhos já publicados.

Para a pesquisa bibliográfica foram utilizados os seguintes instrumentos: livros, artigos científicos, teses, dissertações, anuários, revistas, leis e outras fontes escritas já publicadas. Por intermédio da abordagem de pesquisa qualitativa e o levantamento bibliográfico consolidou-se a metodologia utilizada nesse trabalho.

#### 4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Para a realização da pesquisa, direcionada pela problematização, na qual visa compreender o sofrimento psíquico causado nas mulheres vítimas de violência racial associada ao sexismo, no setting clínico, a presente proposta de pesquisa visa explorar o sofrimento mental relatado pelas vítimas através da pesquisa bibliográfica, de abordagem qualitativa.

As análises dos dados serão apresentadas através de quadros. Os dados apresentados a seguir, baseiam-se em pesquisas de artigos científicos e monografias, encontradas em site como o Google Acadêmico e Scielo; banco de teses e dissertações de universidades sendo, UFMT, UFBA, UFES, UFGD, UFPEL, Unipampa, Unicamp, UCB, USP, na Revista África e Africanidades e livros.

A Tabela 1 - apresenta os dados da pesquisa de categoria A.

**Tabela 1** - Dados da pesquisa da categoria A: Escravidão

Fonte	Quantidade visualizada	Quantidade utilizada
Unicamp	1	1
Scielo	6	6
Livro Ser Escravo no Brasil	1	1

Fonte: Própria

A Tabela 2 - apresenta os dados da pesquisa de categoria B.

**Tabela 2** - Dados da pesquisa da categoria B: Objetificação do corpo negro feminino

Fonte	Quantidade visualizada	Quantidade utilizada
Google acadêmico	6	6
Scielo	4	4
UFMT	1	1
UFBA	1	1
UFES	1	1
UFGD	1	1
UFPEL	1	1
Unipampa	1	1
USP	1	1
Revista científica eletrônica de África e Africanidades	1	1

Fonte: Própria



A Tabela 3 apresenta os dados da pesquisa de categoria C.

**Tabela 3** - Dados da pesquisa da categoria C: Impactos na saúde mental

Fonte	Quantidade visualizada	Quantidade utilizada
Scielo	8	8
UFMT	1	1
UCB	1	1
USP	1	1
Livro Tornar-se Negro	1	1

Fonte: Própria

#### 4.1 Categoria A: Escravidão

Na categoria A: Escravidão, foram encontrados 7 artigos e 1 livro, todos foram abordados, pois, apresentou os conceitos e a discussão sobre o tema, conforme o quadro 1. Os critérios de exclusão foram artigos que não se relacionava com a área de Psicologia.

**Quadro 1:** Conceitos de escravidão

Autor	Tema	Ano	Principais resultados
Pinheiro	No governo dos mundos: escravidão, contextos coloniais e administração de populações.	2002	Aborda o conceito histórico cultural da escravidão, e como essas populações eram administradas no período escravocrata para compra e venda dos corpos negros. Observar como muitos dessas uniões foram sendo construídos como grupos, em diferentes contextos geográficos (em especial o Rio de Janeiro e Goa), a partir de práticas de administração de territórios e experiências sociais do "governo" de populações dentro dos quadros de políticas imperiais do exercício do poder.
Collins	Em Direção A Uma Nova Visão: raça, classe e gênero como categorias de análise e conexão.	2015	Os estudos abordam sobre como as estruturas sociais de poder agem, constangem e oprimem. O conceito de interseccionalidade surge do feminismo negro para tornar visível o cruzamento de opressões estruturais: raça, classe social, gênero, que sustentam as desigualdades e os privilégios sociais, operados por sistemas de poder.
Lima	Preto é o lugar onde eu moro: o racismo patriarcal brasileiro.	2022	Refletir sobre a relação entre racismo, relações patriarcais e pobreza como parte de um sistema de opressão específico, denominado racismo patriarcal, analisando o processo de colonização escravocrata no Brasil.
Amoras	O ativismo das mulheres negras escravizadas no Brasil colonial e pós-colonial, no contexto da América Latina.	2021	Os estudos investigam o protagonismo de mulheres quilombolas na luta pelo território nas regiões Norte e Sul, questionando quais as condições de vida e as estratégias de resistência das mulheres negras escravizadas no contexto de colonização da América Latina e, particularmente, do Brasil.
Oliveira e Kubiak	Racismo institucional e a saúde da mulher negra: uma análise da produção	2019	Pesquisas revelam que mulheres negras possuem o pior acesso e qualidade de atendimento em saúde, o que seria consequência do racismo institucional. Esse estudo tem como objetivo revisar a literatura referente ao racismo institucional e a saúde da mulher negra,





	científica brasileira.		afim de compreender melhor como esse tema vem sendo abordado pelos pesquisadores.
Banuth e Santos	Vivências de Discriminação e Resistência de uma Prostituta Negra.	2016	Compreender as vivências de exclusão, discriminação e resistência de uma profissional do sexo negra que vive em uma casa de prostituição na região de São Paulo e é vítima do racismo velado por parte das colegas de serviço e os clientes que são mulheres e homens brancos.
Oliveira	A herança africana e a construção do Estado brasileiro.	2021	Entender como no Brasil, onde a sociedade foi construída em estreita relação com o continente africano, se construiu de forma aparentemente paradoxal um país que, após as primeiras décadas, se revelou hostil aos africanos e seus descendentes.
Mattoso	Ser escravo no Brasil.	2016	O livro aborda sobre como é ser escravo no Brasil, fazendo uma análise sobre o sofrimento enfrentado, como é propagado o preconceito e racismo velado.

Fonte: Própria

#### 4.2 Categoria B: Objetificação do Corpo Negro Feminino

Na categoria B: Objetificação do Corpo Negro Feminino, foram encontrados 18 artigos, todos foram abordados, pois, apresentou os conceitos e a discussão sobre o tema, conforme o quadro 2. Os critérios de exclusão foram artigos que não se relacionava com a área de Psicologia.

Quadro 2: Conceitos de escravidão

Autor	Tema	Ano	Principais resultados
Hedman	Sexual Objectification.	2012	Aborda o conceito de objetificação sexual do sexo feminino.
Bercht e Costa	Objetificação E Saúde Mental.	2018	Compreender o conceito de objetificação de gênero e demonstrar o seu papel nos processos de subjetividade da sociedade neoliberal contemporânea a partir de imagens permeadas por hierarquias como gênero, raça e etnia.
Rodrigues e Nunes	Mulheres Negras E Saúde Mental: Discutindo Raça E Gênero No Contexto Dos Caps Em Pelotas.	2022	Analisar como o racismo institucional impacta sobre o adoecimento mental e tratamento de mulheres negras no CAPS de Pelotas/RS, que são vítimas de uma problemática histórico cultural, onde afeta a saúde mental, convívio social e pode causar traumas.
Lourenço	A objetificação feminina na publicidade: uma discussão sob a ótica dos estereótipos.	2014	O estudo visa compreender sobre os estereótipos propagados na publicidade, que tem como objetivo objetificar mulheres frente ao gênero masculino. Explica sobre os estereótipos utilizados para sexualizar as mulheres negras, sempre de um ponto de vista inferior comparado a mulheres brancas.
Sousa e Sirelli	Nem santa, nem pecadora: novas roupagens, velhas dicotomias na coisificação da mulher.	2018	Analisar o movimento histórico que o capitalismo exerce sobre a dominação da mulher, entendendo que as relações sociais de sexo e gênero contribuem para o alto índice de violência contra o sexo feminino e que o capitalismo exerce poder sobre o racismo institucional.
Teixeira e Queiroz	Corpo em debate: a objetificação e sexualização da mulher negra.	2017	O estudo abrange sobre a sexualização do corpo da mulher negra, a explícita marca histórica de opressão, onde os meios de comunicação ajudam a disseminar o estereótipo pejorativo associado ao sexo feminino negro.



Manzi e Anjos	O corpo, a casa e a cidade: territorialidades de mulheres negras no Brasil.	2021	Apresenta a discussão entre territorialidade e interseccionalidade na subjetiva experiência das mulheres negras do Brasil, onde vivenciam no cotidiano a luta devido as marcas do racismo e discriminação.
Souza	Tornar-se negro: As vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social.	2021	Nesse livro, a autora e psicanalista Neuza Santos Souza, aborda sobre o que é ser negro, como tornar-se dentro de uma sociedade preconceituosa e racista, as marcas que os negros brasileiros carregam em sua identidade, causa pelo racismo.
Silva	Mulheres Na Literatura: Escritas de autoria feminina negra.	2021	Essa dissertação de mestrado tem como objetivo contribuir para a literatura sobre mulheres negras e suas vivências sociais, pois, ainda existem poucas literaturas que abordam essa temática.
Moreira et. al	A Erotização Da Mulher Negra Nas Mídias Brasileiras.	2018	Os estudos analisam os papéis em que os meios de comunicação reforçam a mulher negra ao estereótipo de sensualidade ou serviçal, contribuindo para o crescimento de consumo pornográfico de mulheres negras, onde os homens apenas procuram para diversão e não para o matrimônio.
Carneiro	Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero.	2001	Analisar o papel da mulher negra no cenário nacional, como a desigualdade entre homens e mulheres acontece de forma erotizada e entender que a violência sexual contra mulheres negras é vista como romance, onde o sexo masculino, por uma perspectiva de gênero se sobressai e o sexo feminino é oprimido perante a sociedade.
Santos	A mulher negra brasileira.	2009	Aborda sobre ser mulher negra e brasileira, sobre as dificuldades vinculadas ao sexismo e marginalização, devido ao racismo.
Rezende e Tárrega	Colonialidade do corpo feminino negro: trabalho reprodutivo no período escravocrata brasileiro e justiça racial.	2021	Analisar como se deu a colonialidade do corpo feminino negro e o trabalho de reprodução das mulheres negras durante o período escravocrata, onde as mulheres negras não tinham direito sobre seus próprios corpos e eram vistas apenas como objetivo reprodutivo para gerar numerosas proles.
Santos e Dias	Os Efeitos do Racismo na Saúde Mental das Militantes Negras do MMNDS.	2022	Os estudos abordam sobre a consequência do racismo na saúde mental dessas mulheres negras, onde relatam o racismo, discriminação e o preconceito racial que enfrentaram durante a vida inteira.
Ribeiro	O que é lugar de fala?	2017	A autora Djamila Ribeiro explica sobre o lugar de fala da mulher negra, onde por uma perspectiva de uma mulher negra, é explicado sobre o racismo e a sexualização, onde a mulher negra tem seus direitos negados e retirados de si, para satisfazer os homens e sociedade que controlam seus corpos.
Paiva e Campos	As Mulheres Negras E O Enfrentamento Ao Racismo No Brasil: Elementos Introdutórios.	2018	O estudo abrange sobre a luta que as mulheres negras enfrentam ao encarar o racismo no país. Conceitua elementos importantes para melhor entendimento dessa luta por sobrevivência marcada por sangue, violência e alguns casos, até morte.
Clemente et. al	Gênero E Saúde Mental: Um Olhar sobre as Mulheres	2020	Esse estudo tem como foco o gênero e saúde mental de mulheres negras que são professoras universitárias e enfrentam o racismo, preconceito e



	Negras Professoras Universitárias.		discriminação dentro da sala de aula, como lidam e repassam a luta para outras mulheres.
Martins et. al	O efeito das microagressões raciais de gênero na saúde mental de mulheres negras.	2018	Os autores vão explicar sobre o efeito que pequenas agressões associadas ao preconceito racial impactam na saúde mental de mulheres negras no cotidiano, dentro da Psicologia como é a relação dos pacientes negros que são atendidos por psicoterapeutas brancos.

Fonte: Própria

### 4.3 Categoria C: Impactos na Saúde Mental

Na categoria C: Impactos na Saúde Mental, foram encontrados 11 artigos e 1 livro, todos foram abordados, pois, apresentou os conceitos e a discussão sobre o tema, conforme o quadro 3. Os critérios de exclusão foram artigos que não se relacionava com a área de Psicologia.

**Quadro 3:** Conceitos de escravidão

Autor	Tema	Ano	Principais resultados
Benedito e Fernandes	A Psicologia e Racismo: as Heranças da Clínica Psicológica.	2020	O estudo abrange sobre como raça e racismo afetam a prática de profissionais da psicologia no setting clínico e como ainda é escasso psicólogos negros que contribuem para a atuação na clínica racializada.
Carrera e Carvalho	Algoritmos racistas: a hiper-ritualização da solidão da mulher negra em bancos de imagens digitais.	2020	Foi realizado uma análise de banco de imagens digitais de famílias branca e negras, e foi constatado que ainda existe um padrão construtivo nas fotos que reforçam as mulheres negras sozinhas com os filhos e as mulheres brancas com os esposos, esse estereótipo reforça a solidão da mulher negra.
Oliveira	Mulheres Negras: Corpos em Luta.	2016	Nesse projeto de pesquisa de TCC II, a autora abrange sobre a luta das mulheres negras que estão em constante processo para ter acesso aos direitos que lhe foram tirados devido ao racismo e discriminação.
Gouveia e Zanello	Psicoterapia, raça e racismo no contexto brasileiro: experiências e percepções de mulheres negras.	2019	Esse estudo tem como objetivo compreender como a população negra do país é assistida referente a saúde mental dentro da Psicologia. Compreendendo a narrativa de pacientes negros que foram atendidos por psicoterapeutas brancos e como foi o atendimento terapêutico de díade birracial.
Rodrigues e Nunes	Mulheres Negras E Saúde Mental: Discutindo Raça E Gênero No Contexto Dos Caps Em Pelotas.	2022	Analisar como o racismo institucional impacta sobre o adoecimento mental e tratamento de mulheres negras no CAPS de Pelotas/RS.
Damasceno e Zanello	Saúde mental e racismo contra negros: Produção bibliográfica brasileira dos últimos quinze anos.	2018	Os autores abordam sobre uma revisão bibliográfica de saúde mental e racismo contra negros, conceituando os principais autores negros dos últimos quinze anos.
Santos	Impacto do Racismo nas Vivências de Mulheres Negras Brasileiras: Um	2023	Esse estudo tem como objetivo apresentar o impacto que o racismo causa na vida de mulheres negras que vivem no Brasil e como lidam no dia a dia.



	Estudo Fenomenológico.		
Bento	Pactos narcísicos no racismo: branquitude e poder nas organizações empresariais e no poder público.	2002	O autor apresenta sobre racismo e branquitude dentro das empresas e sobre sua vivência nos cargos públicos, sobre como os cargos públicos exercidos por negros e negras ainda são poucos.
Souza	Tornar-se negro: As vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social.	2021	Nesse livro, a autora e psicanalista Neuza Santos Souza, aborda sobre o que é ser negro, como tornar-se dentro de uma sociedade preconceituosa e racista, as marcas que os negros brasileiros carregam em sua identidade, causa pelo racismo.
Silva	Mulheres Na Literatura: Escritas de autoria feminina negra.	2021	Essa dissertação de mestrado tem como objetivo contribuir para a literatura sobre mulheres negras e suas vivências sociais, pois, ainda existem poucas literaturas que abordam essa temática.
Santos e Dias	Os Efeitos do Racismo na Saúde Mental das Militantes Negras do MMNDS.	2022	Os estudos abordam sobre a consequência do racismo na saúde mental dessas mulheres negras, onde relatam o racismo, discriminação e o preconceito racial que enfrentaram durante a vida inteira.
Martins et. al	O efeito das microagressões raciais de gênero na saúde mental de mulheres negras.	2018	Os autores vão explicitar sobre o efeito que pequenas agressões associadas ao preconceito racial impactam na saúde mental de mulheres negras no cotidiano.

**Fonte:** Própria

A pesquisa realizada evidenciou que a mulher negra ainda enfrenta desigualdades sofridas e persistentes, tanto no âmbito social quanto no institucional. O racismo e o sexismo continuam a limitar suas oportunidades de acesso à educação de qualidade, ao mercado de trabalho, à representação política e ao pleno exercício da cidadania. Ainda existem estereótipos e preconceitos arraigados na sociedade, que perpetuam a invisibilidade e a desvalorização da mulher negra.

No entanto, é inegável o avanço que tem sido conquistado por meio do movimento de empoderamento da mulher negra. As mulheres negras têm se destacado em diferentes áreas, reivindicando espaços de poder e visibilidade, quebrando padrões e estereótipos antigos. Elas têm sido fontes de inspiração e referência para outras mulheres, mostrando a importância da diversidade e da valorização da cultura negra. Fica evidente que políticas públicas e ações afirmativas são fundamentais para promover a igualdade e o enfrentamento do racismo estrutural. É necessário investir em educação antirracista, na formação de profissionais capacitados para lidar com as questões de gênero e raça, e na implementação de medidas que garantam o acesso igualitário a oportunidades e recursos.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A objetificação dos corpos negros femininos no Brasil tem compreensão em um amplo processo de exploração decorrente do período de escravidão, mas com forte cunho ideológico de apagamento das diferenças raciais, de gênero e classe, fazendo com que mulheres negras no país sofram direta ou indiretamente as mazelas de tal problemática.

Ao longo deste artigo, buscou-se compreender a experiência da mulher negra na sociedade contemporânea, explorando os desafios enfrentados, as conquistas alcançadas e seu



processo de empoderamento. Foi possível observar que a mulher negra, apesar dos muitos pesares, carrega consigo uma história de resistência e luta contra a opressão e a marginalização, que se entrelaçam nas intersecções de raça e gênero. Além disso, é essencial que a sociedade como um todo se engaje nessa luta. É preciso combater ativamente o racismo e o sexismo, desconstruindo estereótipos e preconceitos arraigados. O diálogo interseccional, que considera as diversas formas de opressão, se faz necessário para uma compreensão mais completa da experiência da mulher negra e para uma atuação efetiva na busca por uma sociedade mais justa e igualitária.

Segundo Benedito e Fernandes (2020) no que diz respeito à psicologia, progressos significativos foram feitos sobre essa problemática, faz-se mais do que o necessário haver uma reflexão constante para criar um processo de trabalho que possibilite um novo caminho que conduz a esta herança. Requer uma aproximação do tema racial e das características históricas contextualizadas no país para entendê-lo como e seus atravessamentos impactam no psíquico.

Por fim, a presente pesquisa teve como objetivo contribuir para a reflexão crítica sobre a saúde mental das mulheres negras e fortalecer para a construção de conhecimento acerca desse tema, destacando sua importância e seu papel na construção de uma sociedade mais inclusiva e equitativa. Espera-se que este trabalho possa inspirar novas pesquisas, iniciativas e ações que visam a promoção dos direitos e do empoderamento da mulher negra, rumo a uma realidade em que todas as mulheres possam desfrutar plenamente de seus direitos e oportunidades, independentemente de sua cor de pele, sem ter que sofrer violências e terem seus corpos objetificados.

## REFERÊNCIAS

BANUTH, R. de F.; SANTOS, M. A. dos. Vivências de Discriminação e Resistência de uma Prostituta Negra. **Psicologia: Ciência e Profissão**. 2016, v. 36, n. 3, p. 763-776. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-3703002862015>. Acesso em: 24 maio 2023.

BERCHT, A. M.; COSTA, A. B. Objetificação E Saúde Mental. **Seminário Furg, Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade**. Rio Grande/RS. 2018, p. 1-7. Disponível em: <http://www.seminariocorpo generosexualidade.furg.br/>. Acesso em: 7 maio 2023.

BENEDITO, M. de S.; FERNANDES, M. I. A. Psicologia e Racismo: as Heranças da Clínica Psicológica. **Psicologia: Ciência E Profissão**. 2020, v. 40, n. spe, e229997. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-3703003229997>. Acesso em: 6 junho 2023.

CASARIN, H. de C. S.; CASARIN, S. J. Pesquisa científica: da teoria à prática. Curitiba: Intersaberes, 2012.

CLEMENTE, F. da S.; AZEVEDO, L. R.; CLEMENTE, M. da S. Gênero E Saúde Mental: Um Olhar sobre as Mulheres Negras Professoras Universitárias. **Revista Feminismos**. 2020, v. 8, n. 1. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/feminismos/article/view/42425>. Acesso em: 13 maio 2023.

COLLINS, P. H. Em Direção A Uma Nova Visão: raça, classe e gênero como categorias de análise e conexão. In: MORENO, Renata (org). **Reflexões e práticas de transformação feminista**. São Paulo: SOF, 2015. [Originalmente publicado em 1989].



HELDMAN, C. **Sexual Objectification**. Part 1: What is it?, 2012. Disponível em: <https://carolineheldman.wordpress.com/2012/07/02/sexual-objectification-part-1-what-is-it/>. Acesso em: 07 maio 2023.

LIMA, N. D. F. Preto é o lugar onde eu moro: o racismo patriarcal brasileiro. **Revista Katálysis**. 2022, v. 25, n. 2, p. 242-251. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-0259.2022.e84646>. ISSN 1982-0259. Acesso em: 06 maio 2023.

LOURENÇO, A. C. S. *et al.* A “**objetificação**” feminina na publicidade: uma discussão sob a ótica dos estereótipos. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, p. 1-15. Disponível em: <https://www.portalintercom.org.br/anais/sudeste2014/resumos/R43-1169-2.pdf>. Acesso em: 7 maio 2023.

MANZI, M.; ANJOS, M. E. dos S. C. dos. O corpo, a casa e a cidade: territorialidades de mulheres negras no Brasil. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**. 2021, v. 23. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbeur/a/8FvqfjrztTwtqMSTdMwVPsG/?format=pdf&lang=pt>. ISSN 2317-1529. Acesso em: 18 maio 2023.

MARTINS, H. H. T. de S. Metodologia qualitativa de pesquisa. **Educação E Pesquisa**. 2004, v. 30, n. 2, pp. 289–300. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1517-97022004000200007>. Acesso em: 25 maio 2023.

MARTINS, T. V.; LIMA, T. J. S. de.; SANTOS, W. S. O efeito das microagressões raciais de gênero na saúde mental de mulheres negras. **Ciência & Saúde Coletiva**. 2018, v. 25, n.7, p. 2793–2802. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232020257.29182018>. Acesso em: 20 maio 2023.

MINAYO, M. C. de S. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 14ª edição. São Paulo: Hucitec Editora, 2014.

MOREIRA, Carol *et al.* A **Erotização Da Mulher Negra Nas Mídias Brasileiras**. Anais do 10º Salão Internacional De Ensino, Pesquisa E Extensão - SIEPE Universidade Federal do Pampa, p. 1-5, 6 nov. 2018. Disponível em: <https://periodicos.unipampa.edu.br/index.php/SIEPE/article/view/100517/20756>. Acesso em: 6 maio 2023.

OLIVEIRA, B. M. C.; KUBIAK, F. Racismo institucional e a saúde da mulher negra: uma análise da produção científica brasileira. **Saúde Em Debate**. 2019, v. 43, n. 122, p. 939–948. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0103-1104201912222>. Acesso em 18 maio 2023.

PINHEIRO, C. C. No governo dos mundos: escravidão, contextos coloniais e administração de populações. **Estudos Afro-Asiáticos**. 2002, v. 24, n. 3. p. 425-457. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-546X2002000300001>. ISSN 1678-4650. Acesso em: 07 maio 2023.



RODRIGUES, V. C.; NUNES, G. H. L. Mulheres Negras E Saúde Mental: Discutindo Raça E Gênero No Contexto Dos Caps Em Pelotas. **D'GENERUS: Revista de Estudos Feministas e de Gênero**. Pelotas/RS. 2022, v. 1, n. 1, p. 1-19. Disponível em: <https://revistas.ufpel.edu.br/index.php/dgenerus/article/view/2012/1561>. Acesso em: 19 maio 2023.

SANTOS, V. C. dos; DIAS, A. B. Os Efeitos do Racismo na Saúde Mental das Militantes Negras do MMNDS. **Psicologia: Ciência e Profissão**. 2022, v. 42, e235483. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-3703003235483>. ISSN 1982-3703. Acesso em: 20 maio 2023.

SILVA, D. A. et al. A Constituição da Sexualidade na Psicanálise e a Performance de Gênero de Judith Butler: Aproximações e Distanciamentos. *Leitura Flutuante: Revista do Centro de Estudos em Semiótica e Psicanálise*, v.9, n.2, 2017. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/leituraflutuante/article/view/36298>. Acesso em: 15 fev 2024.

SILVA, D. J. L. **Mulheres Na Literatura**: Escritas de autoria feminina negra. Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ana Maria Marques. 2021. 139 f. Tese (Mestrado em Ensino de História em Rede Nacional.) – Programa de Pós-Graduação Profissional em Ensino de História, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2021. Disponível em: <https://educapes.capes.gov.br/bitstream/capes/699594/2/Debora%20Jean%20Lopes%20Silva%20-%20Disserta%C3%A7%C3%A3o%20-%20ProfHist%C3%B3ria%20%20UFMT.pdf>. Acesso em: 07 maio 2023

SOARES, S. de J. Pesquisa Científica: Uma Abordagem Sobre O Método Qualitativo. **Revista Ciranda**. 2020, v. 3, n. 1, p. 1–13. Disponível em: <https://www.periodicos.unimontes.br/index.php/ciranda/article/view/314>. Acesso em: 25 maio 2023.

SOUSA, M. de O. de; SIRELLI, P. M. **Nem santa, nem pecadora**: novas roupagens, velhas dicotomias na coisificação da mulher. *Serviço Social & Sociedade*. 2018, n. 132, p. 326–345. ISSN 2317-6318. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0101-6628.144>. Acesso em: 7 maio 2023.

SOUSA, A. S. de *et al.* A Pesquisa Bibliográfica: Princípios E Fundamentos. **Cadernos da Fucamp**. 2021, v. 20, n. 43, p. 1-20. Disponível em: <https://revistas.fucamp.edu.br/index.php/cadernos/article/view/2336>. Acesso em: 24 maio 2023.

SOUZA, N. S. **Tornar-se negro ou: As vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. 1. Ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

TEXEIRA, M. S. dos S. P.; QUEIROZ, J. M. de. **Corpo em debate: a objetificação e sexualização da mulher negra**. Campina Grande: Realize Editora, 2017. Disponível em: [https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/enlacando/2017/TRABALHO\\_EV072\\_MD1\\_SA24\\_ID402\\_17072017210303.pdf](https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/enlacando/2017/TRABALHO_EV072_MD1_SA24_ID402_17072017210303.pdf). Acesso em: 12/06/2023 03:10.